

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

CRIATIVIDADE E ESTILOS PARENTAIS

Ana Luiza Aguiar Franceschini

São Carlos - SP
2025

Ana Luiza Aguiar Franceschini

CRIATIVIDADE E ESTILOS PARENTAIS

**Projeto de pesquisa apresentado para a disciplina Pesquisa em
Psicologia: Monografia 4**

Orientador (a): Profa. Dra. Patrícia Waltz Schelini

São Carlos - SP

2025

Sumário

1. Introdução	4
1.1 Criatividade	4
1.2 Autoeficácia Criativa	5
1.3 Estilos parentais	7
2. Objetivos	9
2.1 Geral	9
2.2 Específicos	9
3. Método	9
3.1 Participantes	9
3.2 Instrumentos	9
3.3 Procedimentos	11
3.4 Análise de dados	11
4. Resultados	11
5. Discussão	15
6. Conclusão	17
7. Cronograma	17
8. Referências	18

Resumo

A criatividade é a habilidade de se produzir algo original e apropriado ao contexto para o qual ele foi pensado. Estilos parentais são as formas como pais lidam com questões de poder, hierarquia e apoio emocional referente a seus filhos, tendo significativa influência em áreas de grande importância do desenvolvimento. O objetivo do estudo consistiu em analisar se há relação entre os estilos parentais e a criatividade dos indivíduos. A pesquisa é descritiva, inferencial, com abordagem quantitativa. Amostra composta por 31 participantes adultos, de ambos os sexos e que responderam de forma online a dois instrumentos, o primeiro consiste em duas atividades oriundas do teste *Pensando Criativamente com Palavras*, que testou a fluência verbal criativa dos participantes, e o segundo, o *Parental Authoritative Questionnaire (PAQ)*, busca avaliar os conceitos que Baumrind traz sobre estilos parentais (permissivo, autoritário e autoritativo). Os resultados sugerem que não há correlação significativa entre os estilos parentais e a criatividade. Hipotetiza-se sobre a relação dos estilos com a autoeficácia. Sugere-se que sejam usadas outras medidas de criatividade, com limitação de idade dos participantes.

Palavras-chave: Criatividade, estilos parentais, autoeficácia criativa, fluência criativa.

1. Introdução

1.1 Criatividade

Entre os muitos significados atribuídos ao conceito de criatividade nos é conveniente citar o que conquistou maior consenso na Psicologia e que define a criatividade como a habilidade de se produzir algo original e apropriado ao contexto para o qual ele foi pensado (Sternberg & Lubart, 1999). Vale também trazer a definição de Torrance (1966) que afirma que “Criatividade é um processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências, hiatos ou lacunas nos conhecimentos, e o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar estas hipóteses, possivelmente modificando-as, e a comunicar os resultados.” (Torrance, 1966, p. 6), ao fazer tal afirmação, Torrance atribui um caráter cognitivo à criatividade ao passo que a associa à resolução de problemas a partir do levantamento de hipóteses (Deffendi & Schelini, 2016).

Ainda no sentido cognitivo da criatividade, em 1950 Guilford supõe que a criatividade teria origem na cooperação de várias capacidades intelectuais que buscam solucionar um problema, envolvendo, nesse processo, a fluidez ou fluência (número de soluções pensadas) e a flexibilidade (capacidade de mudar de perspectiva) do pensamento (Deffendi & Schelini, 2016). Guilford também teoriza dois conceitos importantes para a criatividade: pensamento convergente e pensamento divergente. O primeiro considera apenas uma solução para determinado problema, enquanto o segundo, associado ao levantamento de hipóteses, é responsável por buscar várias possibilidades de solução para uma só questão.

Apesar de ser do senso comum que a criatividade seja inata, que, ou alguém nasce com ela ou não, como um “dom”, é fato que a criatividade, na verdade, se apresenta como uma habilidade que pode ser desenvolvida por todos, e se manifesta de maneiras diferentes em cada pessoa, dependendo do contexto no qual ela está inserida. Isso quer dizer que, como teorizado por Vervalin (1975), além de haver criatividade na música, na literatura e nas artes - como é de se imaginar - a criatividade também está na ciência, na tecnologia e onde quer que haja espaço para pensamentos originais (Deffendi & Schelini, 2016).

Mesmo que todos possuam um grau de criatividade que pode ser desenvolvido e aprimorado, existem algumas características que diferenciam uma “pessoa criativa” das outras. Wechsler (2002) lista as principais características de alguém criativo: **1.** Fluência - habilidade de gerar muitas soluções ou ideias frente a um problema; **2.** Flexibilidade - capacidade de olhar um problema por várias perspectivas; **3.** Pensamento original e inovador - produzir ideias raras e incomuns; **4.** Alta sensibilidade interna e externa - capacidade de perceber falhas em informações dadas ou adquiridas e reconhecer sentimentos de desconforto interno; **5.** Fantasia

e imaginação que podem ser usadas na resolução de conflitos; **6.** Inconformismo, independência de julgamentos e abertura a novas experiências - possibilitam acreditar nas próprias ideias a despeito dos outros; **7.** Uso de analogias e combinações incomuns - pode ser descrito ao brincar com ideias, cores, formas e conceitos a fim de se conseguir justaposições improváveis; **8.** Ideias elaboradas e enriquecidas que transformam essa ideia em produto (Deffendi & Schelini, 2016). Também destacam-se características como confiança em si mesmo e acreditar em seus próprios valores (Fadel & Wechsler, 2011).

Ainda no que tange às características do indivíduo criativo, Csikszentmihalyi (1996) afirma que a criatividade resulta da interação entre os pensamentos de alguém e seu contexto sociocultural, destacando a importância de considerarmos, não como algo individual, mas que sofre influência do ambiente familiar e escolar, do ambiente social e cultural e do momento histórico (Deffendi & Schelini, 2016).

Dado que a criatividade pode ser estimulada e aprimorada, destaca-se a importância, de, no mundo atual, se pensar de maneira criativa. Considerando os avanços tecnológicos e o aumento da competitividade que se observa dia após dia, a criatividade se torna essencial para o crescimento socioeconômico, pessoal e global (Lubart; Besançon; Barbot, 2019; Pugsley; Acar, 2018). Além disso, Masi (2005) aponta, com precisão, a importância da criatividade para a sociedade e para o planeta: “Aliviar a fome de bilhões de pessoas, para permitir que o progresso científico e tecnológico prossiga, para aumentar a riqueza e distribuí-la com equidade, e construir novo modelo de vida, para dar sentido, dar paz e alegria, lidar com a ecologia, para saborear a alegria perene da beleza” (p.247) (Deffendi & Schelini, 2016).

Atualmente, se considera a criatividade como um processo multidimensional que tem caráter cognitivo, envolvendo características de personalidade, estilos de pensamento e aprendizagem e o ambiente no qual o indivíduo está inserido, nesse sentido, vale ressaltar o contexto familiar, escolar e social (Nakano & Wechsler, 2006, 2007 apud Deffendi & Schelini, 2016).

1.2 Autoeficácia Criativa

O termo autoeficácia foi desenvolvido por Albert Bandura que o definiu como o julgamento que um indivíduo tem acerca de sua capacidade de organizar e executar determinada tarefa, dizendo respeito não às habilidades da pessoa, mas sim ao julgamento que ela tem de o que pode ou não fazer com as habilidades que possui (Bandura, 1986). Bandura também considerava a auto eficácia como essencial para a agência humana.

Nesse sentido, o ser humano tem certa noção de autoeficácia para cada tarefa que há de realizar, inclusive, para momentos em que precisa usar da criatividade. Assim surgiu o conceito de autoeficácia criativa que Tierney e Farmer definiram como a crença que alguém tem de que possui habilidade de produzir respostas criativas (2002, p. 1138). A autoeficácia criativa é um dos tipos de crença de confiança criativa que funciona conjuntamente a dois aspectos de crenças sobre a criatividade: a de autoconsciência criativa, ou seja, crença sobre os próprios pontos fortes e limitações, e a de autoimagem criativa, crença sobre as aspirações e o senso de identidade criativos, formando assim o senso geral que o indivíduo possui sobre sua criatividade (Beghetto, 2020). O conceito é mais adequado em situações de tarefas específicas, como “Tenho confiança de que consigo oferecer pelo menos cinco soluções originais para esse problema”, contextos mais precisos dizem respeito às crenças de eficácia que alguém tem a respeito de si mesmo (Bandura, 2012).

De acordo com Beghetto e Karwowski (2017), as autocrenças criativas, como um todo, podem ser distintas em três dimensões: a primeira é especificidade (variação de mais geral a mais específica); a segunda, temporalidade (focada no passado ou no futuro) e a terceira é estabilidade (variação de estática à dinâmica). Nesse sentido, a autoeficácia criativa se encaixa em padrões mais específicos, focados no futuro e dinâmicos, isto porque a autoeficácia criativa é ativada quando é preciso realizar uma tarefa criativa específica ou julgar a própria habilidade de agir criativamente em determinada situação ou tarefa (Beghetto, 2020). Assim, podemos definir a autoeficácia criativa como a percepção de confiança que um sujeito tem de que consegue executar determinada tarefa de forma criativa, em um contexto específico, em um nível particular de desempenho (Karwowski, Lebeda, Beghetto, 2019).

Apesar de a autoeficácia criativa ter foco nas experiências futuras, isso não significa que experiências passadas não influam sobre ela. Foi descoberto que as crenças de confiança criativa mais antigas e gerais têm relação com as crenças para executar tarefas mais específicas, principalmente pela primeira vez. (Pretz and McCollum, 2014; Karwowski et al., 2019).

A autoeficácia criativa varia para além da natureza da tarefa, elas são também influenciadas por outros fatores importantes, como, por exemplo, entre muitos fatores psicossociais, o estado psicológico do indivíduo (como ele está se sentindo no momento) ou a persuasão social (se pessoas nas quais o indivíduo confia estão ou não o apoiando) (Bandura, 1997). Em vista disso, é possível imaginar como os estilos parentais poderiam influenciar na autoeficácia criativa dos filhos, uma vez que, usualmente, por grande parte da vida, os pais são pessoas em quem o indivíduo confia, e caso o apoiem ou não em momentos nos quais emite comportamentos criativos, podem estimular ou minar sua autoconfiança criativa.

1.3 Estilos parentais

É evidente a importância do mundo externo e de outras pessoas para o desenvolvimento da criatividade e para a crença criativa do indivíduo, nesse sentido, devemos lembrar a família, que, encarregada dos primeiros contatos da criança com o mundo, é, na maioria das vezes, o primeiro ambiente em que a criança aprende a conviver, influenciando fortemente em seu desenvolvimento (Dong et al., 2022). Muitos estudos vêm relacionando as práticas parentais com o repertório dos filhos (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2010).

Quanto mais estudos sobre a educação dos filhos surgiam na área da Psicologia, cada vez maior era a preocupação dos pais em oferecer aos seus filhos a melhor infância possível. Assim, se popularizou o estudo dos estilos parentais, que trata objetivamente da educação das crianças ao investigar o conjunto de comportamentos dos pais acerca do qual vão ser expressas as interações pais-filhos, esse estudo se baseia na influência dos pais nos âmbitos comportamentais, emocionais e intelectuais de seus filhos (Weber et al., 2004). A definição mais difundida de estilos parentais é que eles são as formas como pais lidam com questões de poder, hierarquia e apoio emocional referente a seus filhos, é sabido que o estilo parental tem significativa influência em áreas de grande importância do desenvolvimento psicossocial, como no ajustamento social, psicopatologia e desempenho escolar (Cassoni, 2013).

Em 1996, Baumrind integrou aspectos comportamentais e afetivos ao estudo dos estilos parentais. Ela considera de grande importância a autoridade parental na educação dos filhos, uma vez que vê, nesse controle, a expressão de crenças e valores. Tal controle expressa, então, as exigências e expectativas de maturidade impostas pelos responsáveis, tal imposição pode ocorrer através de confrontações diretas, supervisão e/ou disciplina consistente (Baumrind, 1971). Baseado nisso, Baumrind teoriza três estilos parentais que variam de acordo com os graus de controle, comunicação e afeto na relação com os filhos: autoritativo, autoritário e permissivo.

Maccoby e Martin, em 1983, consideram duas dimensões fundamentais para as práticas educativas: a exigência e a responsividade. A primeira representa as atitudes parentais que buscam controlar o comportamento de seus filhos com estabelecimento e imposição de limites e regras. A segunda, diz respeito às atitudes compreensivas dos pais para com os filhos, visando, por meio do apoio emocional e de uma comunicação bi-direcionada, desenvolver a autonomia e a autoafirmação dos jovens.

Assim, podemos definir o estilo autoritativo como o estilo que combina exigência e responsividade em altos níveis; estabelecem regras e as enfatizam consistentemente para os

filhos, monitoram sua conduta, corrigem atitudes negativas e recompensam atitudes positivas; a disciplina é imposta de maneira indutiva, com comunicação clara, aberta e baseada no respeito entre as duas partes; com frequência, esses pais têm altas expectativas em relação ao comportamento dos filhos no que se trata de responsabilidade e maturidade; são afetuosos, responsivos às necessidades e solicitam a opinião das crianças quando conveniente como forma de encorajar a tomada de decisão (Baumrind, 1996; Maccoby & Martin, 1983; Maccoby, 1992).

O estilo autoritário apresenta altos níveis de controle e baixa responsividade; são pais rígidos, autocráticos, que impõem altos níveis de exigência e regras restritas, atribuem grande valor à obediência, ao respeito à autoridade e à ordem; podem usar punição como forma de controle do comportamento; dão pouco valor a autonomia e ao diálogo ao reagirem com rejeição e pouca responsividade a questionamentos e opiniões dos filhos (Cassoni, 2013).

Em seguida, o estilo permissivo que parte do pressuposto que a criança possui tendência natural à socialização (Boeckel & Sarriera, 2005), os pais se comportam de forma não punitiva e receptiva aos desejos dos filhos, se colocando para eles, não como alguém responsável por moldar suas atitudes, mas sim como um recurso para realização de seus desejos (Weber et al., 2004).

Posteriormente, Maccoby e Martin, a fim de distinguir, nas famílias que fazem pouco uso de demandas de controle, variação nos níveis de responsividade, desdobraram o estilo permissivo em indulgente e negligente (Cassoni, 2013). O primeiro combina baixa exigência com alta responsividade, são pais que não estabelecem regras ou limites, atribuindo poucas demandas de responsabilidade e maturidade à criança; tolerantes em excesso, permitem que a criança monitore seu próprio comportamento; são comunicativos e afetivos, tentam satisfazer todas as demandas da criança (Cassoni, 2013). O segundo apresenta exigência e responsividade em baixos níveis, esses pais não demonstram afeto ou exigências, pouco se envolvem na socialização e monitoramento do comportamento dos filhos; focados em seus próprios interesses, mantêm os filhos distantes cuidando apenas de suas necessidades básicas (Cassoni, 2013).

É importante, contudo, destacar que qualidades, expectativas, crenças e valores têm diferenças através das diversas culturas e grupos étnicos, assim, não há um modelo fixo para os estilos parentais, já que se desenvolvem a partir do contexto no qual estão inseridos (Chao, 1994).

Assim, é possível retomar Csikszentmihalyi (1996) que, em sua afirmação sobre a criatividade ser resultado da interação entre os pensamentos do indivíduo e seu contexto

sociocultural, marca como essencial considerar a influência - entre outros (escolar, social e cultural) - do ambiente familiar.

2. Objetivos

2.1 Geral

Analisar a relação entre os estilos parentais e a criatividade.

2.2 Específicos

Analisar se pais mais autoritários diminuem a fluência criativa dos filhos; verificar se o estilo parental se relaciona significativamente à autoeficácia criativa do filho e verificar se há relação entre a crença sobre a criatividade e o desempenho em uma medida de criatividade.

3. Método

3.1 Participantes

Participaram do estudo 31 indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos. Os participantes declararam estarem cientes e concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) formalizando seu conhecimento sobre a pesquisa.

3.2 Instrumentos

Questionário de Estilos Parentais – Parental Authoritative Questionnaire – PAQ

Será utilizado o PAQ (Parental Authoritative Questionnaire), elaborado por John R. Buri (1991) e traduzido por Boeckel & Sarriera (2005), que busca avaliar os conceitos que Baumrind traz sobre estilos parentais - permissivo, autoritário e autoritativo. O questionário possui 30 afirmações hipotéticas referentes às estratégias educacionais utilizadas pelos pais durante a infância de seus filhos, 10 referentes a cada um dos estilos parentais (autoritário, autoritativo e permissivo). Os participantes avaliarão tais afirmações em uma escala tipo Likert de 1 a 5, sendo 1=discordo totalmente; 3=não concordo nem discordo e 5=concordo totalmente. No estudo de Buri (1991), foi feita aplicação do instrumento com relação ao estilo parental da mãe, e outro referente ao estilo parental do pai, ambos com as mesmas questões. Nesta pesquisa, será pedido que o participante discrimine a figura parental que ele identifica como seu cuidador primário (indivíduo que tem a total ou a maior responsabilidade pelos cuidados prestados) e responda de acordo com isso. Ademais, o questionário será apresentado de forma online.

Pensando Criativamente com Palavras

Serão aplicadas de forma online duas atividades oriundas do teste Pensando Criativamente com Palavras, construído por Paul Torrance (1998) e adaptado para a versão brasileira por Wechsler, a fim de avaliar a fluência criativa verbal dos participantes. Tais atividades consistem em duas figuras sobre as quais os participantes deverão, na primeira atividade, fazer o máximo de perguntas que puderem, evitando perguntas que possam responder apenas observando a figura e na segunda, supor o máximo de consequências que poderiam advir de uma situação improvável descrita pela atividade (uma escadaria que conecta todos os planetas entre si).

Foi escolhido o teste de criatividade verbal, em detrimento de um teste de criatividade figural pois, além de ser adaptado para o uso no Brasil, ter estudos sobre evidências de validade e precisão e ser influenciado por aspectos culturais, ele, por exigir o uso da linguagem oral, evidencia ainda mais a influência da cultura, o que o torna útil na investigação de pessoas com alta-escolaridade (a maior parte da amostra é composta de estudantes universitários) e na pesquisa envolvendo aspectos da parentalidade - variável altamente influenciada pela aprendizagem e experiências sócio-culturais. Mas, vale ressaltar que ambos os testes poderiam ser utilizados, a opção se deu por esses motivos.

Autoavaliação da criatividade

Por último, com a finalidade de mensurar a autoeficácia criativa dos voluntários, será a seção na qual estes, a partir de uma definição de criatividade disponibilizada pela autora, avaliam sua própria criatividade com uma nota de 1 a 10, a partir das seguintes definições:

1. “A criatividade é a habilidade de se produzir algo original e apropriado ao contexto para o qual ele foi pensado.” (Sternberg & Lubart, 1999).
2. “Criatividade é um processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências, hiatos ou lacunas nos conhecimentos, e o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar essas hipóteses, possivelmente modificando-as, e a comunicar os resultados.” (Torrance, 1966, p. 6).

3.3 Procedimentos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) conforme previsto na resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Então teve início a divulgação da pesquisa, o convite foi realizado por meio de e-mails, estes foram enviados de forma individual aos participantes e a divulgação posterior aos participantes interessados pela pesquisa também

foi feita de forma “individualizada”. A coleta de dados foi realizada na modalidade online, assim, quando interessados em participar, os voluntários foram direcionados para uma página do Google Formulários onde assinalaram ciência e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, então, obtiveram acesso ao formulário eletrônico contendo as questões concernentes à pesquisa, ou seja, aos materiais da pesquisa.

3.4 Análise de dados

Com as respostas dos participantes em mãos, primeiramente foram observadas as respostas do PAQ, averiguando qual estilo parental foi predominante na criação do participante. Então, juízes especializados avaliaram o teor das perguntas (atividade 1) e possíveis consequências (atividade 2) elaboradas pelos participantes, eliminando respostas que não se adequaram às regras, os participantes que emitiram maior quantidade de respostas obtiveram maior pontuação. Na análise dos juízes, as respostas dos participantes às ilustrações serão avaliadas de acordo com a proposta de análise estabelecida pelo manual do teste de criatividade verbal de Torrance. Dentre as variáveis a serem avaliadas estão a fluência e a flexibilidade, as outras variáveis incluídas no manual não serão consideradas neste estudo.

Por fim, foi feita a correlação de Spearman entre o estilo parental predominante, a quantidade de respostas emitidas nas duas atividades e a nota que o participante deu para sua criatividade.

4. Resultados

A amostra abrange 31 indivíduos, dentre eles, 18 do sexo feminino, 9 do sexo masculino e 4 que preferiram não se identificar, além disso, é majoritariamente composta por estudantes universitários, uma vez que foi nesse meio que ocorreu a divulgação mais intensa.

Na Tabela 1 serão apresentadas as pontuações dos participantes na escala de estilos parentais.

Tabela 1*Pontuação dos participantes no Parental Authoritative Questionnaire*

Pontuação PAQ		
Estilo parental predominante	Nº de participantes	%
Autoritário	20	64,51%
Autoritativo	11	35,48%
Permissivo	0	0

A Tabela 1 indica que o estilo parental mais recorrente foi o autoritário (64,51%), seguido pelo autoritativo (35,48%) e que nenhum participante demonstrou ter sido criado sob um estilo predominantemente permissivo.

A Tabela 2 ilustra aspectos gerais da pesquisa, como as médias das pontuações de cada estilo parental, da soma das perguntas e consequências elaboradas pelos participantes na atividade Pensando Criativamente com Palavras e das notas atribuídas na autoavaliação da criatividade.

Tabela 2*Estatística Descritiva dos Aspectos Gerais da Pesquisa*

	Autoritário	Autoritativo	Permissivo	Soma Perguntas e Autoavaliação da Consequências	criatividade
Média	31,452	30,323	19,742	14,677	6,677
Desvio Padrão	7,131	9,628	4,69	12,64	1,558
Teste de Shapiro-Wilk	0,962	0,959	0,963	0,592	0,965
P-value do Shapiro-Wilk	0,321	0,276	0,349	< .001	0,389

A partir da análise da Tabela 2 é possível observar que a maior parte das respostas ao PAQ foi referente à pais com os estilos autoritário e autoritativo entretanto, também é notável que, apesar do visto na Tabela 1, sobre a ausência de participantes criados de forma permissiva, houveram algumas respostas referentes a esse estilo. Os resultados são coerentes ao passo que

a média de respostas para o estilo permissivo, apesar de não ser insignificante, é mais baixa do que as outras.

A Tabela 3 apresenta a estatística descritiva das respostas (desempenho na atividade Pensando Criativamente com Palavras e nota da autoavaliação da capacidade criativa) de participantes que cresceram sob maior influência dos estilos autoritário e autoritativo.

Tabela 3

Estatística Descritiva dos Aspectos de Filhos de Pais com Estilos Autoritário e Autoritativo

	Estilo Autoritário		Estilo Autoritativo	
	Soma perguntas e consequências	Autoavaliação criatividade	Soma perguntas e consequências	Autoavaliação criatividade
Média	15,85	6,6	12,545	6,818
Desvio Padrão	15,425	1,789	4,413	1,079
Teste de Shapiro-Wilk	0,617	0,965	0,958	0,84
P-value do Shapiro-Wilk	< .001	0,646	0,743	0,032

A Tabela 3 indica que apesar de terem emitido, em média, mais respostas (perguntas e consequências) do que filhos de pais autoritativos, os filhos de pais autoritários autoavaliaram sua capacidade criativa com uma nota ligeiramente menor.

Na Tabela 4 é apresentado o número de participantes com desempenho e autoavaliação acima das médias de seus respectivos grupos, separando a amostra em participantes criados sob os estilos autoritário e autoritativo.

Tabela 4

Número de Participantes com Desempenho Acima da Média na Atividade “Pensando Criativamente com Palavras” e Número de Autoavaliações da Criatividade Acima da Média, para Participantes com Estilos Parentais Autoritário e Autoritativo

	Estilo autoritário		Estilo autoritativo	
	N	%	N	%
P+C acima da média	6	30%	5	45,45%
Autoavaliações acima da média	9	45%	9	81,81%

Nota. P+C = soma de perguntas e consequências elaboradas na atividade Pensando Criativamente com Palavras

A partir das tabelas 3 e 4 é possível fazer um comparativo do desempenho de pessoas que cresceram com a influência de um ou outro estilo parental. A partir da observação das tabelas infere-se que filhos de pais autoritários tiveram desempenho melhor na tarefa Pensando Criativamente com Palavras do que filhos de pais autoritativos, contudo, a maior parte (81,81%) do segundo grupo se autoavaliou com uma nota superior à média, enquanto menos da metade (45%) dos filhos de pais autoritários o fizeram.

A Tabela 5 ilustra as correlações entre as variáveis Soma de Perguntas e Consequências e Autoavaliação da Criatividade e os estilos parentais. Para a análise foram usadas as correlações de Spearman e Kendall, indicadas para análises não paramétricas.

Tabela 5

Correlações de Spearman e Tau B de Kendall

Variável	Soma de Perguntas e Consequências			
	Autoritário	Autoritativo	Permissivo	—
Soma Perguntas e rho de				
Consequências Spearman	0,136	0,083	-0,176	—
p-valor	0,465	0,659	0,345	—
Tau B de				
Kendall	0,092	0,073	-0,138	—
p-valor	0,483	0,573	0,295	—

Autoavaliação	rho	de				
criatividade	Spearman	0,062	-0,064	0,084	0,280	
	p-valor	0,741	0,733	0,654	0,127	
	Tau B	de				
	Kendall	0,050	-0,012	0,068	0,206	
	p-valor	0,714	0,931	0,625	0,134	

Entre as variáveis Soma de Perguntas e Consequências e o estilo Autoritário há uma correlação positiva fraca, porém não significativa (valor $p > 0,05$). Para além deste caso, todos os valores p são altos ($p > 0,05$) sugerindo que não há correlação estatisticamente significativa entre os estilos de criação e as variáveis analisadas.

5. Discussão

Neste estudo buscou-se explorar de que forma os estilos parentais estão relacionados com a criatividade dos filhos e como isso é refletido na autoeficácia criativa destes. Mais especificamente, além da análise da associação entre os estilos parentais e a criatividade ter sido o objetivo principal do estudo, objetivava-se analisar se pais mais autoritários poderiam estar relacionados a uma menor fluência criativa de seus filhos, se o estilo parental tem relação direta com a autoeficácia criativa das crianças e se haveria relação entre a autoeficácia criativa e o desempenho em uma medida de criatividade (Pensando Criativamente com Palavras).

De modo geral, não houve correlações estatísticas significativas entre as variáveis investigadas. Dessa forma, não é possível afirmar, a partir desse estudo, que a forma de criação exerça influência significativa sobre a criatividade ou na maneira como os filhos julgam sua autoeficácia criativa, ainda, não se encontrou evidência de que o desempenho na atividade de criatividade tivesse relação significativa com a autoeficácia criativa. Pode-se explicar a baixa relevância estatística dos dados pelo tamanho reduzido da amostra, uma vez que estudos com amostras maiores, como os de Gralowski e Jankowska (2020), encontraram relações mais significativas entre comportamentos parentais e a capacidade e autoeficácia criativa dos filhos. Além disso, os resultados podem ter sido afetados pela idade dos participantes, uma vez que esta não foi delimitada e nem um fator analisado, a resposta de pessoas que já há algum tempo não sofrem influência parental cotidiana pode ser imprecisa ou vaga.

Contudo, tendo como base estatísticas descritivas é possível realizar algumas ponderações. De maneira geral, os participantes superestimaram sua criatividade, dessa forma

foram obtidas mais autoavaliações acima da média - dos 31 participantes, 17 se autoavaliaram com uma nota maior do que 6,67 - do que desempenhos acima da média - dos 31 participantes, apenas 9 emitiram mais do que 14,67 respostas. Este achado vai contra o resultado encontrado por Gralewski e Jankowska (2020), na qual há correlação positiva, apesar de fraca, entre o desempenho do participante na medida de criatividade utilizada e a nota atribuída para sua autoeficácia criativa.

Era esperado, em média, que filhos de pais autoritativos tivessem um desempenho maior na medida de criatividade, isto porque o ambiente ideal para o desenvolvimento positivo desta habilidade, segundo Carl Rogers (1954), depende do asseguramento de liberdade e segurança psicológicas, características que espera-se que sejam oferecidas por pais com estilo autoritativo, combinando níveis altos de exigência e responsividade, que oferecem segurança e estabilidade para os filhos através da imposição de limites, mas também lhes proporcionam um senso de liberdade e autonomia, por serem afetivamente disponíveis e comunicativos. Contudo, os filhos de pais autoritários foram os que emitiram, em média, mais respostas na atividade Pensando Criativamente com Palavras, não há embasamento teórico nos estudos de criatividade e estilos parentais que sustente essa relação, pode-se hipotetizar, contudo, que a alta exigência dos pais autoritários exerça tamanha influência nos participantes da amostra que eles se saíram melhor do que o outro grupo. É possível encontrar respaldo para estes resultados na pesquisa de Sacilotto e Abaid (2021), nela, os pesquisadores afirmam que o desempenho escolar de adolescentes tem correlação com a exigência da mãe de forma que quanto maior a exigência, maior o desempenho do filho. Dessa forma, ao encarar a atividade da pesquisa como uma tarefa, os filhos de pais autoritários tiveram um desempenho melhor devido a seu histórico de exigências.

Além disso, apesar de menos da metade (45,45%) dos filhos de pais autoritativos terem tido um desempenho acima da média na medida de criatividade, 81,81% deles se autoavaliou com uma nota maior do que a média do grupo (6,8), enquanto aos filhos de pais autoritários, apesar de somente 30% do grupo ter emitido uma quantidade de respostas acima da média, 45% deles se autoavaliaram com uma nota superior (6,6), que, ainda assim, foi menor do que a do primeiro grupo. Esses dados, além de elucidarem a já mencionada supervalorização da autoestima, deixam claro como os estilos parentais afetam a percepção da autoeficácia nos filhos. É possível explicar este acontecimento devido à grande exigência demandada por estes pais combinada à baixa autonomia oferecida por eles, levando os filhos a esperarem menos de si, e a acreditarem menos na sua capacidade, ademais, combinação de alta exigência e baixa responsividade encontrada neste estilo pode vir a afetar significativamente a autoestima das

crianças, uma vez que pais autoritários empregam maiores níveis de hostilidade (Rodrigues, 2020), dessa maneira, a baixa autoestima afeta o julgamento que o indivíduo tem acerca de sua capacidade de organizar e executar tarefas (autoeficácia). Por outro lado, julga-se que, mesmo com uma performance inferior, pessoas criadas de forma autoritativa, tendem a ter um conceito melhor de si mesmas, já que uma educação baseada em valores como amor, respeito, valorização, competência e bondade é alicerce para o desenvolvimento saudável da autoestima (Rodrigues, 2020) e para o estabelecimento da autoeficácia é importante a persuasão social, isto é, se as pessoas nas quais o indivíduo confia estão ou não o apoiando (Bandura, 1997).

6. Conclusão

Atualmente, na literatura nacional, há uma escassez de estudos que analisem a relação entre os estilos parentais e a criatividade dos filhos. Dessa forma, o presente estudo pôde contribuir com informações sobre uma área pouco explorada no Brasil, além de ressaltar a necessidade de novas investigações a partir de uma abordagem e amostra diferentes.

O atual estudo não encontrou nenhum resultado estatisticamente significativo, hipotetiza-se que isso se deva não só ao tamanho e idade da amostra como também à forma de avaliar a criatividade aqui utilizada. Quanto às questões amostrais, para além de um maior número de participantes, recomenda-se que, em pesquisas futuras, seja limitada a idade destes, como por exemplo até 20 anos, isso porque a influência parental na vida de pessoas com essa idade é mais recente, e com este controle, é possível evitar alguns vieses. Sugere-se que, para avaliar a criatividade, seja usada uma medida que se relacione mais a aspectos afetados diretamente pelos estilos parentais, como a resolução de problemas cotidianos, dessa forma, talvez seja encontrada maior correlação entre as variáveis. Outra variável importante é a autoavaliação da criatividade, quanto à ela, cabe a ressalva de que a nota dada pode ter sido influenciada pela forma como o participante estava se sentindo no momento, por exemplo, se ele teve um resultado ruim na faculdade recentemente, da mesma forma, caso tivesse acabado de ter recebido elogios por sua performance, poderia se autoavaliar de maneira mais tendenciosa do que o faria em um momento isolado.

Para além destes aspectos vale ressaltar a possibilidade de as respostas do PAQ terem sido influenciadas por desejabilidade social e do ambiente virtual de coleta não garantir a concentração dos participantes ao responder, o que é importante em todas as etapas, mas principalmente na atividade Pensando Criativamente com Palavras, existe a possibilidade de que devido a distratores do ambiente, o participante não tenha emitido o máximo de respostas

que poderia pensar, como é instruído no instrumento. Sugere-se que em investigações futuras, para obter maior controle sobre o ambiente, a coleta seja feita na modalidade presencial.

Destaca-se a importância da continuidade de investigações na área uma vez que a criatividade vem se tornando progressivamente mais importante no mundo, possibilitando crescimento socioeconômico, pessoal e global (Lubart; Besançon; Barbot, 2019; Pugsley; Acar, 2018) e que, no caráter de habilidade que pode ser desenvolvida por todos, é resultado da interação entre os pensamentos do indivíduo e seu contexto sociocultural - neste incluído o ambiente familiar (Csikszentmihalyi, 1996). A partir dessa premissa, das hipóteses levantadas no atual estudo, e da carência de literatura nacional, salienta-se a importância de se aprofundar no tema, com vistas a desenvolver cidadãos mais criativos e aptos ao mundo contemporâneo.

8. Referências

- Bandura, A. (1986). *Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J.
- Bandura, A. (2012). On the functional properties of perceived self-efficacy revisited [Editorial]. *Journal of Management*, 38(1), 9–44.
<https://doi.org/10.1177/0149206311410606>
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887–907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.1), 99–102. <https://doi.org/10.1037/h0030373>
- Baumrind, D. (1996). The discipline controversy revisited. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 45(4), 405–414.
<https://doi.org/10.2307/585170>
- Beghetto, R. A. (2020). Personality: Creative Self-Efficacy [Review of Personality: Creative Self-Efficacy]. In M. A. Runco & S. R. Pritzker (Eds.), *Encyclopedia of Creativity* (Vol. 2, pp. 322–327). Academic Press.
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2005). Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários. *Psico-usf*, 10(1), 01–09. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000100002>
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2006). Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. *Journal of Human Growth and Development*, 16(3), 53–65. Recuperado em 01 de dezembro de 2023, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300007&lng=pt&tlng=pt.

- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia*, 21(48), 61-71. doi:10.1590/s0103-863x2011000100008
- Buri, J. R. (1991). Parental Authority Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 57(1), 110–119. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_13
- Cassoni, C. (2013). Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. doi:10.11606/D.59.2013.tde-14122013-105111. Recuperado em 2023-08-17, de www.teses.usp.br
- Chao, R. K., & Aque, C. (2009). Interpretations of parental control by Asian immigrant and European American youth. *Journal of Family Psychology*, 23(3), 342–354. <https://doi.org/10.1037/a0015828>
- Dechaume, M., & Lubart, T. (2021). Estilo parental e potencial criativo de crianças. *Educar Em Revista*, 37, e80845. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.80045>
- Deffendi, L. T., & Schelini, P. W.. (2016). O Monitoramento Metacognitivo em Tarefas que Envolvem a Criatividade Verbal. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 32(3). <https://doi.org/10.1590/0102-3772e323221>
- Dong, Y., Lin, J., Li, H., Cheng, L., Niu, W., Tong, Z. (2022). How parenting styles affect children’s creativity: Through the lens of self. *Thinking Skills and Creativity*, Volume 45, 101045, ISSN 1871-1871. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2022.101045>
- Fadel, S. J., & Wechsler, S. M. (2011). Criatividade na universidade: potencialidade e possibilidade de transformação. Em S. M. Wechsler & T. C. Nakano (Orgs.), *Criatividade no ensino superior: uma perspectiva internacional* (pp. 202-235). São Paulo: Vetor.
- Guilford, J. P. (1956). The structure of intellect. *Psychological Bulletin*, 53(4), 267-293.
- Gralewski, J., Jankowska, D. M. (2020) Do parenting styles matter? Perceived dimensions of parenting styles, creative abilities and creative self-beliefs in adolescents. *Thinking Skills and Creativity*, Volume 38,100709, ISSN 1871-1871. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2020.100709>
- Karwowski, M., & Lebuda, I. (2016). The big five, the huge two, and creative self-beliefs: A

- meta-analysis. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 10(2), 214–232.
<https://doi.org/10.1037/aca0000035>
- Karwowski, M., Han, M.-H., & Beghetto, R. A. (2019). Toward dynamizing the measurement of creative confidence beliefs. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 13(2), 193–202. <https://doi.org/10.1037/aca0000229>
- Karwowski, M., Lebuda, I., & Beghetto, R. A. (2019). Creative Self-Beliefs [Review of Creative Self-Beliefs]. In J. C. Kaufman & R. J. Sternberg (Eds.), *The Cambridge Handbook of Creativity* (pp. 396–417). Cambridge University Press.
- Lubart, T., Besançon, M., & Barbot, B. (2019). La créativité, ressource potentielle de l'enfant et l'adolescent, à évaluer, révéler et développer. *Neuropsychiatrie de l'Enfance et de L'Adolescence*, 67(3), Pages 121. <https://univ-rennes2.hal.science/hal-01958135>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Maccoby, E. E. (1992). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental Psychology*, 28(6), 1006–1017.
<https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1006>
- Oliveira, A. W. de ., Carvalho, T. O. de ., Oliveira, M. G. de ., Abreu, I. C. C. de ., & Nakano, T. de C.. (2023). Percepção da Criatividade em Alunos e Professores Brasileiros. *Psicologia Escolar E Educacional*, 27, e241073. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-241073>
- Plucker, J. A.; Beghetto, R. A.; Dow, G. T. (2004). Why isn't creativity more important to educational psychologists? Potentials, pitfalls, and future directions in creativity research. *Educational Psychologist*, 39(2), 83–96.
https://doi.org/10.1207/s15326985ep3902_1
- Pretz, J. E., & McCollum, V. A. (2014). Self-perceptions of creativity do not always reflect actual creative performance. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 8(2), 227–236. <https://doi.org/10.1037/a0035597>
- Pugsley, L., & Acar, S. (2018). Supporting Creativity Or Conformity? Influence of Home Environment and Parental Factors on the Value of Children's Creativity Characteristics. *The Journal of Creative Behavior*. <https://doi.org/10.1002/jocb.393>
- Rodrigues, L. S. N. (2020). *A influência na auto-estima das crianças e jovens em relação aos estilos parentais autoritários versus estilos parentais permissivos* [Dissertação de

- Mestrado, Universidade Lusíada]. Repositório da Universidade Lusíada. <http://hdl.handle.net/11067/5542>
- Rogers, C. R. (1954). Towards a theory of creativity. *ETC.: A Review of General Semantics*, 11, 249–260.
- Sacilotto, A. L., & Abaid, J. L. W. (2021). Autoconceito em adolescentes e suas relações com desempenho escolar e práticas parentais. *Barbarói*, (58), 30-46. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i58.4320>
- Sternberg, R. J., & Lubart, T. I. (1999). The concept of creativity: Prospects and paradigms. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of creativity* (pp. 3–15). New York: Cambridge University Press.
- Tierney, P., Farmer, S.M., 2002. Creative self-efficacy: its potential antecedents and relationship to creative performance. *Acad. Manag. J.* 45 (6), 1137–1148. <https://doi.org/10.5465/3069429>
- Torrance, E. P. (1966). *Torrance tests of creative thinking*. Lexington, MA: Personnel Press.
- Vervalin, C. H. (1975). Que es la creatividad? Em G. A. Davis. & J. A. Scott (Orgs.), *Estrategias para la creatividad*. Buenos Aires: Paidós.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos [Parenting Style: Perceptions of Children and their Parents]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323–331. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>
- Wechsler, S. M. (2002). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. (3.ed.). São Paulo: Editora Livro Pleno.